

## Morte e Ressurreição na Suméria: A “Descida ao Inferno” de Inana e de Dumuzi e processos de posse e perda de poderes divinos e humanos<sup>1</sup>

Monika Ottermann\*

### Resumo

A comparação das versões da “Descida ao Mundo Inferior de Inana” e da “Descida ao Mundo Inferior de Ištar”, dentro de seus contextos sócio-históricos e histórico-religiosos, enfoca os aspectos de “morte” e “ressurreição” que são elementos chave de suas estruturas. Este enfoque permite superar antigos conceitos de divindades de fertilidade que morrem e ressuscitam nos ciclos da natureza, e interpretar os acontecimentos narrados no âmbito de processos históricos. Segundo esta interpretação, a perda de poder de Inana-Ištar, originalmente toda-abrangente, reflete processos da patriarcalização da religião, e a perda de poder de Dumuzi-Tamuz reflete processos de ascensão e queda da dinastia sargônica.

**Palavras chave:** Descida de Inana / Ištar; Morte de Dumuzi / Tamuz; Divindades que morrem e ressuscitam; Grande Deusa; Patriarcalização da religião; Império Sargônico; Comparação estruturalista de mitos.

### Abstract

The comparison of the versions of the “Descent of Inana to the Netherworld” and of the “Descent of Ištar to the Netherworld”, in their socio-historical and religious-historical contexts, focuses on the aspects of “death” and “resurrection” that are key elements of their structures. This focus allows to overcome old concepts of fertility divinities that die and rise in the cycles of nature, and to interpret the events narrated in the context of historical processes. According to this interpretation,

---

<sup>1</sup> Uma versão abreviada deste ensaio foi apresentada no III Seminário Internacional Archai, “Morte e Vida às Origens do pensamento ocidental”, na Universidade Estadual de Rio de Janeiro, no dia 9 de dezembro de 2005.

\* Monika Ottermann é assessora do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) e doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista em São Paulo, área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico, pesquisadora CAPES e integrante do projeto *Oracula: Grupo de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã*, apoiado pela FAPESP na qualidade de Projeto Regular.

Inana-Ištar's loss of power which originally was universal reflects processes of the patriarchalization of religion, and Dumuzi-Tamuz's loss of power reflects processes of the rise and fall of the Sargonic dynasty.

**Keywords:** Descent of Inana / Ištar; Death of Dumuzi / Tamuz; Divinities that die and rise; Great Goddess; Patriarchalization of religion; Sargonic Empire; Structuralist comparison of myths.

## **Resumen**

La comparación de las versiones del “Descenso de Inana al Mundo Inferior” y del “Descenso de Ištar al Mundo Inferior”, en sus contextos sócio-históricos y histórico-religiosos, enfoca los aspectos de “muerte” y “resurrección” que son elementos claves de sus estructuras. Este enfoque permite superar conceptos anteriores de divinidades de la fertilidad que se mueren y resucitan en los ciclos de la naturaleza, e interpretar los eventos narrados en un ambiente de procesos históricos. Según esta interpretación, la pérdida de poder de Inana-Ištar, originalmente universal, refleja procesos de la patriarcalización de la religión, y la pérdida de poder de Dumuzi-Tamuz refleja procesos de ascensión y caída de la dinastía sargónica.

**Palabras claves:** Descenso de Inana / Ištar; Muerte de Dumuzi / Tamuz; Divinidades que se mueren y resucitan; Grande Diosa; Patriarcalización de la religión; Imperio sargónico; comparación estructuralista de mitos.

## **Introdução**

O mito da “Descida ao Inferno”, empreendida por uma deusa cujo nome sumério é “Inana” e cujo nome acádico (assírio-babilônico) é “Ištar” foi, ao longo de milhares de anos, um dos mitos centrais da religião mesopotâmica. A deusa Inana, na Suméria<sup>2</sup> do 3º milênio a.C. uma das representações da “Grande Deusa”, é sucessivamente transformada em uma deusa guerreira-patriarcal que fornece uma legitimação religiosa das políticas imperialistas de conquistadores acádicos, assírios e babilônicos até os meados do 1º milênio aEC. Neste processo de transformação, ela sofre transformações essenciais de seu perfil e restrições significantes de suas funções e atribuições, ou seja, de seu poder.

---

<sup>2</sup> A Suméria era uma região próxima ao Golfo Pérsico, ou seja, a parte meridional da Antiga Mesopotâmia, a terra “entre os rios” Eufrates e Tigre. A Mesopotâmia em sua extensão total corresponde aproximadamente ao atual Iraque.

O mito aqui discutido, mais corretamente chamado de “Descida ao Mundo Inferior”, é um dos testemunhos principais destes fatos, devido às modificações que sofreu ao longo dos séculos. O presente ensaio propõe-se demonstrar as modificações principais e propor uma análise do significado delas em diálogo com conceitos da análise estruturalista esboçados por G.S. Kirk em sua obra “Myth: its meaning and functions”<sup>3</sup> que, por sua vez, está em diálogo com a análise estruturalista de Claude Lévi-Strauss. Serão enfocados apenas dois aspectos destas modificações no perfil de Inana-Ištar: a posse e a perda de seu poder divino todo-abrangente no âmbito do processo da patriarcalização da religião, e a instrumentalização e modificação de seu perfil por interesses políticos e econômicos, especialmente no âmbito no primeiro império mesopotâmico, o império da dinastia sargônica, o que se comprova também na abordagem da figura de seu “amado”, Dumuzi-Tamuz.<sup>4</sup>

### **1. A deusa Inana-Ištar e as transformações em seu perfil e sua função**

A cultura mais antiga que deixou vestígios materiais (não escritos) no sul da Mesopotâmia, a cultura ubaída (cerca de 7000 a 4000 aEC, época neolítica), mostra que também nesta região do mundo a religião mais antiga era uma religião em torno da representação feminina do divino.<sup>5</sup> Este tipo de religião é chamado em geral “Religião da Deusa Mãe” ou, mais corretamente, “Religião da Grande Deusa”, pois as funções vitais e vivificantes desta deusa não se limitaram apenas a aspectos maternos. Os achados ubaídos e sua interpretação correspondem, neste aspecto, aos achados contemporâneos da Europa Antiga e de outras regiões do Antigo Oriente e à interpretação que estes têm recebido desde os anos 70 do século passado, especialmente no âmbito da pesquisa feminista.<sup>6</sup>

Entre o 5º e o 4º milênio acontecia na Mesopotâmia, nos vales de Eufrates e Tigre, uma mudança cultural revolucionária: o surgimento de cidades entre as quais se destacam, por exemplo, Uruk (ou, segundo diversos documentos: Uruk-Kulaba ou apenas Kulaba), Eridu e Ur. Enquanto tais cidades eram apenas assentamentos pequenos, Inana já é atestada, em artefatos de caráter principalmente iconográfico, como a deusa vinculada aos seus armazéns coletivos onde foram guardados (para

<sup>3</sup> KIRK, G.S. *Myth: its meaning and functions in ancient and other cultures*. Berkeley: University of California Press, 1970.

<sup>4</sup> Para uma outra opção de comparação, cf. FALKENSTEIN, Adam. *Der sumerische und der akkadische Mythos von Inannas Gang zur Unterwelt* FS Caskel.

<sup>5</sup> Cf. SAGGS, Henry William F. *The Greatness that was Babylon: a survey of the ancient civilization of the Tigris – Euphrates Valley*. 2ª ed. Atualizada. Londres: Sidwick & Jackson, 1988, pp.17-19.

<sup>6</sup> Cf., por exemplo, GIMBUTAS, Marija. *The language of the goddess: images and symbols of Old Europe*. New York: Van der Marck, 1987. Uma breve análise deste processo no Antigo Oriente encontra-se em: RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1993, pp.46-49.

a redistribuição entre a população) cereais e tâmaras e, dentro do limite permitido por seu caráter perecível, também laticínios. Na medida em que estas cidades crescem e se tornam cidade-estado desenvolve-se também a escrita cuneiforme (da língua suméria), a ponto de contarmos com os primeiros indícios epigráficos a partir de cerca de 3000 aEC (época de Uruk 4). No caso da cidade de Uruk, organizada a partir e em torno do templo e seus latifúndios, estes indícios atestam Inana como a deusa principal da cidade, e apesar das primeiras mudanças que seu perfil sofreu nos interesses do sacerdócio (que detinha tanto o poder religioso quanto o poder econômico-político), permanece nítido seu caráter de uma divindade do tipo da “Grande Deusa”, provindo dos tempos neolíticos.<sup>7</sup>

Em conseqüência da grande pluralidade política, na Suméria pré-dinástica e da Dinastia Primitiva (até cerca de 2400 aEC) existia também uma extrema pluralidade religiosa. Beyerlin, por exemplo, relata a existência de mais que 3000 divindades documentadas e afirma que é por causa das brigas e rivalidades entre o sacerdócio das mais importantes delas que a literatura mito-teológica da Suméria não apresenta conceitos uniformes de criação, ordem do cosmo, história primordial etc. Antes, funções e atribuições de determinadas divindades passavam para outras e, com o decorrer do tempo, destacaram-se algumas divindades principais, entre as quais figura Inana.<sup>8</sup>

A tradicional importância de Inana foi reforçada decisivamente durante o Período Acádico Antigo (2371-2230, Dinastia Sargônica), que começou com a conquista da Suméria sob Sargão I, rei de Acad (2371-2316). Ele criou o primeiro grande império sumero-acádico, no qual se difundiu sucessivamente a língua acádica ao lado da língua suméria. Sargão I adotou como sua deusa pessoal Ištar (nome acádico/semítico), em grande medida idêntica com Inana (nome sumério), e atribuía a ela seus sucessos políticos, seja nas conquistas militares, seja na consolidação do seu imenso império. Sua filha Enheduana,<sup>9</sup> instalada por ele como

---

<sup>7</sup> SAGGS, pp. 20.25. Cf. também minha abordagem de uma parte destes aspectos em: OTTERMANN, Monika. Vida e prazer em abundância: a Deusa Árvore. In: *Mandrágora: O Imaginário Feminino da Divindade*, n. 11. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005, pp. 40-56.

<sup>8</sup> BEYERLIN, Walter. *Religionsgeschichtliches Textbuch zum Alten Testament*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1975, p. 96.

<sup>9</sup> Resumos sobre os dados conhecidos a respeito de Enheduana encontram-se, por exemplo, em: WESTENHOLZ, Joan Goodnick. Enheduanna, En-priestress, hen of Nanna, spouse of Nanna. In: BEHRENS, Hermann, LODING, Darlene, ROTH, Martha Tobi. (eds.). *DUMU-E2-DUB-BA-A: Studies in honor of Ake W. Sjöberg*. Philadelphia: University Museum, 1989, pp. 539-556; KRAMER, Samuel Noah. Poets and psalmists: goddesses and theologians. In: SCHMANDT-BESSERAT, Denise (ed.). *The legacy of Sumer: invited lectures on the Middle East at the University of Texas at Austin*. Malibu: Undena, 1976, pp. 3-21; MEADOR, Betty De Shong. *Inanna, lady of the largest heart: poems of the Sumerian high priestess Enheduanna*. Austin: University of Texas Press, 2000. Também vários sites científicos contêm resultados de pesquisas recentes a respeito de Enheduana, por exemplo, os sites

sumo sacerdotisa do templo de Nana em Ur, dedicou as obras mais importantes de sua produção teológico-literária conhecida (escrita em sumério) à deusa Inana: sendo ela a deusa principal das terras conquistadas por Sargão I, o lance de mostrar o imperador como seu devoto e protegido era um fator importante na consolidação de seu poder.<sup>10</sup> Esta estreita ligação entre Inana-Ištar e os sucessos militares na construção de um império se tornou uma característica importante desta deusa e explica, em certa parte, seu caráter extremamente bélico e sua posição central na religiosidade assiro-babilônica, especialmente durante as épocas dos grandes impérios neo-assírio e neo-babilônico que dominaram e/ou destruíram os Estados de Israel e Judá.<sup>11</sup> Simultaneamente a este processo de adquirir traços de uma deusa de guerra, seus antigos traços de uma divindade que dá e mantém a vida foram sucessivamente reduzidos para os aspectos de uma deusa do amor e da fertilidade.

O aspecto complementar na explicação do caráter agressivo e bélico de Inana-Ištar está ligado, no entanto, às próprias modificações das suas atribuições e funções. Em outras palavras: ela é um exemplo por excelência para a perda de poder e *status* que divindades femininas sofreram no processo da patriarcalização da religião. Vários de seus mitos registraram vestígios desta desapropriação e de suas reações (reações de agressão ou apenas de lamento), e também os hinos e achados iconográficos mostram a transformação de sua antiga condição de deusa suprema, todo-poderosa e todo-abrangente em uma deusa subordinada a divindades masculinas, “responsável” apenas pelas áreas da “guerra” e do “amor” (“fertilidade”).<sup>12</sup>

---

do Oriental Institut of Chicago ([www.oi.uchicago.edu](http://www.oi.uchicago.edu)) ou da Universidade de Cambridge ([www.knowledge.co.uk/sis/cambridg.htm](http://www.knowledge.co.uk/sis/cambridg.htm)).

<sup>10</sup> Cf. para este processo, por exemplo: FRYMER-KENSKY, Tikva. *In the wake of the goddesses: women, culture, and the Biblical transformation of pagan myth*. New York: Free Press, 1992, pp. 9-13; KRAMER, Samuel Noah. *Sumerian Mythology: a study of spiritual and literary achievement in the third millennium B.C.* Edição revisada. New York: Harper & Row, 1961, pp.26-41; 64-68.

<sup>11</sup> Para as dominações do Império Neo-Assírio (911-612) e do Império Neo-Babilônico (612-538) em Israel e Judá, cf. BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 1980, pp. 318-497; DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol 2: Da época da divisão do reino até Alexandre Magno. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 1997, pp. 269-535.

<sup>12</sup> FRYMER-KENSKY, pp. 26-30, interpreta estas modificações sob a perspectiva de divindades já dotadas de gênero em correspondência aos costumes das sociedades nas quais são cultuadas. A análise de Carol Christ enfoca mais o processo da transformação a partir da Grande Deusa, cf.: CHRIST, Carol P. *Rebirth of the goddess: finding meaning in feminist spirituality*. Reading: Addison-Wesley, 1997, pp. 92-97. Um outro resumo deste processo, especialmente em relação a Inana-Ištar, encontra-se em: STONE, Merlin. *When god was a woman*. New York: Harcourt Brace, 1976, pp. 83-84. Kramer, na obra que oferece a tradução crítica francesa da “Descida de Ištar”, (BOTTÉRO, Jean; e KRAMER, Samuel Noah. *Lorsque les dieux faisaient l'homme*. Paris: Éditions Gallimard, 1989, edição revisada reimpressa 1993, p. 203) não discute o problema em termos de modificações patriarcais, mas, propõe entender o desenvolvimento de Inana-Ištar em termos de uma fusão arcaica de três deusas diferentes, entre as quais a suméria teria sido a “ultra-feminina” e “padroeira do amor livre”, e uma outra, talvez semita, uma deusa belicosa e quase viril (e, finalmente, uma terceira, cuja existência ele mesmo classifica como questionável, teria sido ligada ao planeta Vênus). Deve-se destacar, no entanto, que o original desta obra é de 1956 e que esta hipótese foi rejeitada na medida

No caso da Babilônia, este “massacre da deusa” chegou ao seu auge na época neo-babilônica, quando foi promovido o deus nacional Marduk através da subordinação de outras divindades à sua figura, e especialmente através da promoção do mito *Enuma Elish* (também conhecido como “Poema babilônico da Criação”), em que se propaga a vitória de Marduk sobre a antiga deusa-mãe Tiamat e a criação do universo a partir do seu corpo despedaçado.<sup>13</sup> No entanto, é significativo que a divindade mais popular e mais cultuada como promotora da “vida” (procriação na paz e vitória na guerra) continuava sendo Ištar, como mostram os templos e ritos na cidade de Babilônia no século 6, a época do “Exílio Babilônico” da elite judaíta, que teve profunda influência sobre o javismo e a formação da Bíblia Hebraica.

## **2. Dados básicos acerca da preservação e publicação dos dois mitos da “Descida ao Mundo Inferior”**

O mito sumério “Descida de Inana ao Mundo Inferior” é preservado quase completamente em mais que 30 tabletes e fragmentos de tabletes. A maioria destes tabletes, inscritos em torno de 1750 aEC, foi encontrada entre 1889 e 1900 em Nippur, o centro religioso da antiga Suméria. Em consequência do acordo estabelecido entre os governos dos Estados Unidos (a escavação foi um projeto da Universidade de Pennsylvania) e da Turquia (na época, o atual Iraque pertencia ao Império Otomano), metade de todos os achados ficou na Turquia, metade foi para os Estados Unidos. Assim, os tabletes ficaram divididos, sem quaisquer critérios científicos, entre o Museu do Antigo Oriente de Istambul e o Museu da Universidade de Pennsylvania.

Este fato representou a maior dificuldade na recuperação do mito e fez com que a reconstrução dos primeiros dois terços do texto se estendesse até 1951. Em 1963 foram localizados no Museu Britânico em Londres quatro tabletes provenientes da escavação britânica em Ur (1923-1933) que continham a maioria do material que estava faltando, mas sua avaliação e publicação demoraram até 1975. Apenas neste ano o fim do mito tornou-se publicamente conhecido: a insurreição de Dumuzi contra Inana e a sua consequente entrega ao Mundo Inferior pela deusa. No entanto, continuavam faltando as 20 linhas finais do mito. Posteriormente foi

---

em que foram descobertos e aplicados a divindades concretas os processos da patriarcalização da religião.

<sup>13</sup> Cf. a análise de RUETHER, p. 47.

encontrado, também no Museu Britânico, um tablete que contém estas 20 linhas, mas seu estado de preservação é tão precário que uma reconstrução satisfatória do texto é impossível. Portanto, pode-se dizer que o texto disponível da “Descida de Inana” e as informações sobre seu desfecho verdadeiro estão à disposição da comunidade acadêmica apenas há 30 anos.<sup>14</sup>

A versão assíria (em acádico) deste mito, a “Descida de Ištar”, é preservada principalmente num tablete proveniente da biblioteca de Assurbanipal em Nínive (reinado de Assurbanipal: 668-627 aEC). O texto deste tablete é conhecido e traduzido para línguas modernas desde o início do século XX.<sup>15</sup> Deste modo, o que determinou ao longo de quase um século as interpretações de todo complexo mitológico acerca de morte e ressurreição de Inana (Ištar) e Dumuzi (Tamuz) foi esta versão posterior na qual já foram incorporadas as modificações e reduções mais essenciais no perfil e na interpretação das duas divindades.

Uma recensão da mesma época (neo-assíria), encontrada em Assur é, em geral, paralela à versão de Nínive e não foi incluída na comparação apresentada neste ensaio. Também não foi considerada a versão da época do Império Assírio Médio, provavelmente da época de Teglat-Falasar I (1114-1076 aEC), da qual são preservadas apenas 11 linhas da parte inicial. Estas linhas correspondem à versão neo-assíria no sentido de também dar destaque para a descrição do Mundo Inferior e de circunscrever Ištar com “filha de Sin”.<sup>16</sup>

Estes dados históricos mostram que existe uma diferença de pelo menos 1000 anos entre as duas versões aqui comparadas. A importância teológica e política deste espaço de tempo é esboçada em seguida, mas convém alertar já aqui sobre dois aspectos centrais:

---

<sup>14</sup> Cf. o relato de Samuel Noah Kramer, o principal sumeriólogo responsável pela decifração, tradução e publicação deste mito, em: WOLKSTEIN, Diane, KRAMER, Samuel Noah. *Inanna: Queen of heaven and earth: her story and her hymns from Sumer*. Nova Iorque: Harper & Row, 1983, pp. 127-135. A edição crítica mais recente do texto reconstruído (transliteração do sumério e tradução inglesa) encontra-se em: BLACK, Jeremy A., CUNNINGHAM, Graham, EBELING, Jürgen, FLÜCKIGER-HAWKER, Esther, ROBSON, Eleanor, TAYLOR, John, ZÓLYOMI, Gábor. *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*. 2 ed Oxford: Oriental Institute, 2003. www-etcsl.orient.ox.ac.uk, item: “ETCSL 1.4.1: Inana's descent to the nether world”.

<sup>15</sup> Tradução inglesa: SPEISER, E. A. Akkadian Myths and Epics: the descent of *Ištar* into the netherworld. In: PRITCHARD, James Bennett (ed). *Ancient Near East texts relating to the Old Testament: third edition with supplement*. New Jersey: Princeton University Press, 1969, pp. 106-108. A tradução mais antiga foi publicada em 1915.

<sup>16</sup> Cf. MÜLLER, Gerfrid G. W. Akkadische Unterweltsmythen: 1. Ischtars Höllenfahrt. In: HECKER, Karl et al. (ed.). *Texte aus der Umwelt des Alten Testaments: Band III,4*. Gütersloh: Güterloher Verlagshaus, 1994, pp. 760-761.

Por causa da posterior redução do perfil da deusa a aspectos de amor e fertilidade, a Descida de Inana ao Mundo Inferior foi interpretada como a morte e ressurreição cíclica de uma “deusa da natureza”. No entanto, a análise da versão suméria mostra que sua investida contra o Mundo Inferior é, com muito mais probabilidade, uma tentativa de reconquistar esta parte do universo e não uma “morte” no sentido tradicional. Igualmente, sua subida do “mundo dos mortos” e nova tomada de posse de seus domínios terrestres e celestes não é apenas um resgate de um corpo temporariamente doente e enfraquecido, é uma “ressurreição” cuidadosamente planejada e encaminhada pela própria deusa.

Igualmente, seu paredros (“amado”, “noivo”) Dumuzi, o Tamuz mencionado também na Bíblia Hebraica,<sup>17</sup> tradicionalmente tido como outra concretização de um deus da vegetação que “morre e ressuscita”, não é atrelado a experiências de ciclicidade da natureza. Sua figura pode ser explicada, num primeiro momento, a partir da patriarcalização da religião que substituiu sucessivamente divindades femininas e seus poderes por divindades masculinas. Além disso, sua entrega ao Mundo Inferior, a mando de Inana, pode ser considerada uma tentativa de interpretar a queda do Império Sargônico em termos teológicos como a rejeição do seu último imperador da parte de sua deusa protetora e “esposa”, Inana-līstar.

### **3. Conceitos de análise na comparação dos mitos de Inana e de līstar**

Como mostrei no parágrafo anterior, os dois mitos da Descida (de Inana e de līstar) não são versões aproximadamente contemporâneas que poderiam ser comparadas segundo o esquema estruturalista de Lévi-Strauss. São versões que foram desenvolvidas ao longo de séculos, ou talvez melhor, de milênios, e que mostram claramente os interesses religiosos e sócio-históricos que estão por trás das modificações que sofreram ao longo deste processo. Também Kirk, no seu ensaio da aplicação do método de Lévi-Strauss a mitos sumérios, exige um mínimo de contemporaneidade das versões comparadas. Ele destaca a importância disto no caso da Mesopotâmia (Suméria versus Assíria e Babilônia) e afirma que o fato de a sociedade desta região ter mudado radicalmente entre 2300 e 1700 aEC impossibilita uma comparação estruturalista conjunta de mitos de épocas

---

<sup>17</sup> Para a figura de Dumuzi-Tamuz, cf., por exemplo: JACOBSEN, Thorkild. *Toward the image of Tammuz*. In: IDEM. *Toward the image of Tammuz and other essays on Mesopotamian history and culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1970, pp. 73-103; NEUENFELDT, Elaine Gledi. *Práticas e experiências religiosas de mulheres no antigo Israel. Um estudo a partir de Ez 8.14-15 e 13.17-23*. São Leopoldo: Tese de doutorado da Escola Superior de Teologia, 2004; NEUENFELDT, Elaine Gledi. *Inanna/līstar – uma deusa de simultâneas formas*. In: *Mandrágora: O Imaginário Feminino da Divindade*, n. 11. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005, pp. 57-63.

diferentes.<sup>18</sup> Para a análise de mitos de regiões onde temos que contar com tais mudanças, Kirk prefere um processo mais abrangente que ele não recomenda ou sistematiza explicitamente, mas que pode ser deduzido de sua interpretação dos centauros e ciclopes da mitologia grega: fazer uma análise e interpretação de conjunto, a partir de todos os dados disponíveis da cultura literária, artística e material – mitos, hinos, notícias em obras da época, dados iconográficos e observáveis em outros artefatos.<sup>19</sup>

De maneira análoga, uma análise mais completa e mais proveitosa do que apenas uma análise estrutural-literária dos mitos da Descida de Inana e de Ištar deve considerar e aproveitar todos os dados disponíveis a respeito destes mitos e das culturas de sua proveniência. Tendo oferecido um esboço resumido destes dados, proponho como chave de estruturação e de interpretação das modificações observadas a questão do “poder divino abrangente”, mais concretamente, a “posse de poder” antiga de Inana e a sucessiva “perda de poder” que ela sofreu (e, na parte que diz respeito a Dumuzi-Tamuz, a questão análoga acerca de poderes humanos). Esta “perda” já pode ser percebida em detalhes do próprio mito da Descida de Inana e fica inteiramente óbvia na sua comparação com a versão encontrada depois de 1000 anos de crescente patriarcalização da religião mesopotâmica. Ao mesmo tempo, esta chave tem a vantagem inestimável de se aplicar também aos motivos principais na figura divina (e humana) de Dumuzi: à “posse de poder” temporária, devido sua “subida” ao trono na ausência de Inana, e à “perda de poder” ao ser lançado por ela para o Mundo Inferior. Em linguagem mais mitológica e religiosa, esta posse e perda de poder podem ser designadas também como “morte” e “ressurreição” das duas divindades, uma variante que permite incluir o aspecto muito discutido de elas serem representações de divindades “que morrem e ressuscitam”, ou seja, de divindades vinculadas à fertilidade humana, animal e vegetal.

#### **4. Morte e Ressurreição, Posse e Perda de Poder - uma comparação de detalhes dos dois mitos**

Como mostra o “Esquema comparativo da Descida de Inana e Descida de Ištar: *topoi* comuns e detalhes que variam”,<sup>20</sup> identifiquei uma estrutura comum dos dois mitos que é composta por nove elementos (*topoi*):

---

<sup>18</sup> KIRK, pp. 85-86. É por isso que ele, no capítulo III desta obra, analisa e comenta mitos sumérios e mitos assiro-babilônicos (acádicos) separadamente. Veja os parágrafos 2-4 (pp. 90-117) sobre os mitos sumérios e o parágrafo 5 (pp. 118-131) sobre os acádicos.

<sup>19</sup> KIRK, pp. 152-171.

<sup>20</sup> Esquema comparativo em anexo.

1. Introdução	1-25 / 1-11
2. Ordens de Inana	26-72 / - - -
3. Chegada aos portões do Mundo Inferior	73-128 / 12-41
4. Despojamento e “Morte” / Castigo da deusa	129-172 / 42-75
5. Reações na terra e no céu	173-216 / 76-89
6. Encaminhamento da solução	217-253 / 90-98
7. Realização da solução: “Ressurreição” / Resgate	254-281 / 98-116
8. Subida da deusa	282-367 / 117-123
9. “Morte” de Dumuzi	368-412 / 124-136

Verifiquemos agora nestes elementos as variações principais dos detalhes narrados, sob o aspecto de posse e perda de poder, de morte e ressurreição, de Inana e de Dumuzi.

#### 4.1 Introdução (1-25 / 1-11)

A Descida de Inana enfatiza logo no início a livre decisão da deusa de ir até o Mundo Inferior. No entanto, ela não fornece uma motivação para tal decisão. Esta pode ser percebida apenas nas entrelinhas em elementos estruturais seguintes (cf., por exemplo, *topos* 5): Inana pretendeu “conquistar” (re-conquistar?) o Mundo Inferior, ou seja, incluí-lo à sua esfera de poder que, assim, abrangeria todo o cosmo (céu, terra e mundo inferior). Este fato necessita de um maior aprofundamento: ele se deve a estruturas narrativas comuns em mitos sumérios ou ele já é um sinal do processo patriarcal de esconder ou diminuir o alcance todo-abrangente dos poderes cósmicos de Inana?<sup>21</sup> Embora no *topos* atual falte clareza acerca deste aspecto, são destacados claramente outros aspectos de seu poder: os âmbitos e ofícios divinos bem como os lugares sagrados terrestres que ela abandona em prol da sua ida ao Mundo Inferior. Em contrapeso às esferas de poder abandonadas, ela se reveste com poderes que podem ser levados na viagem: os sete *me* (poderes divinos, cósmicos) e as sete insígnias de seu poder que podem ser entendidas também como instrumentos “mágicos” das diversas realizações de seu poder. Portanto, já se vislumbra aqui que não se trata de um processo de descida para o Mundo Inferior ou o Mundo dos Mortos em consequência de alguma forma de doença ou morte, mas, trata-se da tentativa deliberada de intrusão neste mundo, para conquistá-lo para si.

<sup>21</sup> Como resposta provisória a este questionamento pode-se apontar o fato de que este motivo é característico apenas de mitos que envolvem Inana; cf., por exemplo, os mitos “Inana e Enki”, “Gilgameš e a Árvore Hulupu”, “Inana e Šukaletuda”. Por isso recomenda-se a conclusão de que ele é atrelado especificamente à perda de poder de Inana.

Em contraposição, a Descida de *Ištar* não menciona absolutamente nada destes poderes. Ao contrário, ela identifica *Ištar* desde o início como “filha de Sin”, mostrando assim sua dependência e submissão a um deus masculino e, de resto, desvia a atenção dela por meio de uma descrição do Mundo Inferior e do destino das pessoas mortas.

#### **4.2 Ordens de Inana (26-72 / - - -)**

Na Descida de Inana, a deusa prevê a possibilidade de sua derrota temporal no Mundo Inferior e ela mesma toma pessoalmente providências para uma saída “vitoriosa” desta situação. Ela dá ordens à sua vizira Ninšubura a respeito da intercessão junto a outros deuses e prevê a maneira concreta da solução que será encontrada: Enki disponibilizará a planta e a água da vida que devolverão a vida a Inana. Mostra-se neste enredo uma mistura de poder pleno da deusa sobre os mecanismos de vida e morte, mas também uma incipiente transposição de partes deste poder para o deus Enki e esta transposição fará com que Inana fique, temporariamente, despida de seu poder e “morta”.

É significativo que a Descida de *Ištar* cortou esta parte integralmente: aqui, já não é mais a deusa que detém tais poderes sobre o universo e sobre a vida e a morte.

#### **4.3 Chegada aos portões do Mundo Inferior (73-128 / 12-41)**

Na Descida de Inana é alegado um motivo curioso para sua pretensão de entrar no Mundo Inferior: presenciar o banquete funerário organizado em homenagem ao marido de sua irmã Eriškigal, que é a própria “senhora” do Mundo Inferior. No entanto, esta memória da abundância alimentar no ambiente de Inana e uma comparação com outros mitos contemporâneos, principalmente com a Descida de *Ištar*, mostra que se trata de um motivo que disfarça os motivos verdadeiros da viagem: conquistar o Mundo Inferior para si. Isto mostra também a agressividade de Inana e o pavor de Eriškigal, reações tradicionalmente atribuídas a divindades femininas no processo da redução e do fracionamento de seus antigos poderes.

Curiosamente, este motivo transparece melhor na Descida de *Ištar*: aqui ficam mais claras sua pretensão de estender seu poder sobre as pessoas mortas e a gravidade de suas ameaças. A fonte de poder para tal empreendimento, que fica explicitamente lembrada na Descida de Inana (menção dos sete *me* e das sete insígnias), fica mais obscura na Descida de *Ištar*, no entanto, este fato deve-se possivelmente a uma lacuna no texto.

#### **4.4 Despojamento e mostre / castigo da deusa (129-172 / 42-75)**

O despojamento sucessivo de Inana refere-se às sete insígnias de poder levadas por ela, enquanto a Descida de Ištar substitui estas insígnias por acessórios comuns, cuja identificação não permite perceber o poder mágico inerente: por exemplo, as “contas em forma de ovo” aludem ao seu poder divino de gerar vida, enquanto o “colar” é apenas um enfeite comum; a “vara e linha de medida”, símbolos de seu poder sobre a terra habitada, são substituídos por “braceletes”; a “veste de senhoria” é transformada em um simples “lenço de lombos”. Além disso, devemos lembrar que na Descida de Inana (e apenas nela!) são mencionados, além das sete insígnias, os sete *me*, e que nada é comentado acerca de uma manipulação deles. Isto pode levar à conclusão de que Inana, mesmo despida das ferramentas instrumentais de seu poder, continua sendo dona das ferramentas mais essenciais, dos sete *me*, e que este fato garante a viabilidade do “Encaminhamento da solução” e da “Solução” (= “Ressurreição”) dela.

Além disso, o fato de Inana se sentar ao trono de Eriškigal, tomando assim posse do governo do Mundo Inferior, é provavelmente uma reminiscência de uma versão mais antiga da Descida de Inana, onde sua conquista do Mundo Inferior foi bem-sucedida, e é sintomático que este elemento seja suprimido na Descida de Ištar.

Somente depois deste episódio, Eriškigal, apavorada e deslocada de seu trono, consegue ordenar um último golpe contra a usurpadora: seu corpo inanimado é pendurado num gancho, dando-a assim por morta e impotente. Também este destino da deusa mostra claramente uma modificação no tamanho da “tragédia” e conseqüentemente da grandeza de sua solução: enquanto Inana morre, Ištar é apenas aprisionada e castigada com doenças.

#### **4.5 Reações na terra e no céu (173-216 / 76-89)**

Este *topos*, por sinal o elemento central, revela (na Descida de Inana) o amplo alcance do poder de Inana: suas ordens dadas à Ninšubura são obedecidas e, embora inicialmente não efetuassem o encaminhamento da solução (um fato previsto pela deusa), revelam o motivo verdadeiro da sua entrada no Mundo Inferior: possuindo os poderes divinos sobre céu e terra, Inana “almejou” também os poderes divinos do Mundo Inferior. Muito provavelmente estamos aqui diante da justificação narrativa de um primeiro passo estratégico na patriarcalização da religião: dividir e assim enfraquecer o poder de uma divindade feminina. Estamos

também diante da abordagem narrativa da reação da deusa a esta perda de poder: “reconquistar” o que, antigamente, era dela. É justamente na figura de Inana que estes mecanismos se mostram em vários outros mitos que não podem ser abordados aqui.<sup>22</sup>

Quanto a isto, a Descida de Ištar focaliza meramente o problema da falta de fertilidade na terra e atribui o luto e a intercessão a um deus secundário ligado aos “grandes deuses”, enquanto, na Descida de Inana, Ninšubura é uma deusa secundária ligada à “Grande Deusa” primordial. É significativo também que este motivo da falta de fertilidade na terra não apareça em nenhum momento na Descida de Inana, um indício de que sua “função” inicialmente não era restringida à de uma mera “deusa da fertilidade”.

No entanto, o motivo da falta de fertilidade na terra desempenha um papel tão importante nas posteriores versões da Descida de Ištar que pesquisas antigas o interpretaram como vínculo do período da seca com a “morte” de uma divindade. Sua ausência completa, porém, na versão mais antiga do mito mostra claramente que não se trata de modo algum de um mito de “morte e ressurreição” de uma divindade da fertilidade e suas alegadas conseqüências para a vida vegetal, animal e humana, como têm alegado interpretações modernas até hoje.

#### **4.6 Encaminhamento da solução (217-253 / 90-98)**

Na Descida de Inana, Enki (que também faz referência à pretensão de Inana, de [re]-conquistar um poder pleno sobre as esferas do cosmo) cria e instrui os seres que executarão a “solução” do problema – nisto mostra-se o crescente poder de deuses masculinos. Não podemos esquecer, no entanto, que foi Inana quem ordenou o uso da planta e da água da vida, e uma suspeita feminista pode apontar para a questão se estes meios não pertenciam, originalmente, à esfera de poder da própria deusa e foram apenas posteriormente transferidos para o domínio de uma divindade masculina.

Na Descida de Ištar, que desde o início cortou o detalhe da planta e da água da vida, a solução é encaminhada através da criação e instrução de um eunuco. A caracterização de Asušanamir como tal pode ser outro reflexo de conflitos de gênero entre as divindades – um eunuco estaria “imune” em relação ao poder feminino. Fica obscura a função da pergunta concreta pelo cantil que deve ser

---

<sup>22</sup> Cf. nota 19.

feita, embora este fato possa apontar justamente para uma transformação do elemento “água da vida” que perdeu, ao longo dos séculos, sua coerência.

#### 4.7 Realização da solução

Na Descida de Inana, os dois agentes da solução, *Galatura* e *Kurğara*, entram no Mundo Inferior às escondidas e precisam aplicar certas artimanhas para vencer Eriškigal, enquanto, na Descida de Ištar, o eunuco entra abertamente e é bem-vindo. Este fato mostra que, na Descida de Inana, eles pertencem na verdade ao “partido” da deusa, realçando também o poder da outra deusa em questão, Eriškigal.

São eles mesmos, *Galatura* e *Kurğara*, que recebem o cadáver de Inana e o aspergem, sendo assim instrumentos da ressurreição da deusa morta. Na Descida de Ištar é Namtar, um ser ligado a Eriškigal, que asperge a prisioneira castigada por doenças e assim realiza seu resgate. Esta diferença entre plena “ressurreição” e mero “resgate” mostra o antigo alcance do poder da deusa e a sucessiva perda deste poder.

#### 4.8 Subida da deusa (282-367 / 117-123)

É altamente significativo que a Descida de Ištar ofereça apenas a descrição do caminho inverso percorrido pela deusa (a restituição dos seus acessórios na medida em que ela é conduzida através dos portões), e que não faça nenhuma alusão ao papel decisivo que a própria deusa desenvolve na escolha do substituto que deve ficar no Mundo Inferior em lugar dela, ou seja, seu verdadeiro papel acerca da “morte” de Dumuzi-Tamuz.

Este papel ficou claro apenas depois da descoberta e publicação do final da “Descida de Inana”: os *galla*, pequenos demônios que acompanham Inana na sua subida, ficam com ela na sua primeira viagem pela terra, para levar consigo um substituto. Com sucesso, Inana se nega a entregar seres que foram fiéis a ela (Ninšubura, Šara e Lulal). No entanto, quando ela encontra seu marido Dumuzi, sentado no trono que é dela e fazendo festa, ela o castiga por esta irreverência, entregando-o aos *galla*.

Também este detalhe pode ser entendido novamente na linha geral da perda de poder da deusa e de suas conseqüentes reações, classificadas como agressivas e vingativas. Enquanto a pesquisa moderna ignorava este papel ativo de Inana, por

não conhecer o tablete que contém esta parte do mito, foi construída a hipótese de que Dumuzi foi violentamente arrancado pelos *galla* e levado como substituto de Inana, contra a vontade dela. Assim, certas correntes da pesquisa confirmaram a idéia pré-concebida de uma divindade de fertilidade, desta vez masculina, cuja estadia no Mundo Inferior causaria fases de infertilidade na terra.

#### 4.9 “Morte” de Dumuzi/Tamuz (368-412 / 124-136)

O texto da Descida de Ištar passa imediatamente da descrição da subida para a questão da entrega de Tamuz. Este salto pode ser entendido apenas quando é conhecida toda a tradição milenar em torno da morte de Dumuzi que se baseia em grande parte no desfecho da descida de Inana descrita no elemento anterior.

A Descida de Inana, por sua vez, acrescenta o motivo do luto de Inana por Dumuzi que é conhecido de vários outros mitos, nos quais Dumuzi sofre uma morte violenta e prematura por forças alheias e Inana procura resgatá-lo ou, ao menos, vingá-lo. A relação deste motivo com o mito da Descida precisa ainda de pesquisas melhores, mas uma possível hipótese é que sua introdução se deve igualmente a outros fenômenos já mencionados, ao processo da patriarcalização deste mito que procurou amenizar o irado exercício de poder de Inana e sua clara deliberação acerca da entrega que ainda podem ser percebidos na antepenúltima linha do texto preservado: “Assim Santa Inana deu Dumuzi como substituto”...<sup>23</sup>

Devemos lembrar que as 20 linhas finais que seguem são tão mal preservadas que não podem ser reconstruídas, a ponto de que eventuais considerações finais sobre esta deliberação estão perdidas, provavelmente para sempre.

#### Considerações Finais

É possível considerar o mito da Descida de Inana como um mito operativo, conforme as categorias estabelecidas por Kirk, mais concretamente, como um “mito modelo” ou “mito de carta” (*charter myth*), cuja função social é confirmar e manter a memória de costumes e instituições e, principalmente, fornecer-lhes autoridade.<sup>24</sup> Neste sentido, fica claro que ele, ao lado de afirmar outros costumes e instituições, legitima o poder divino reduzido de Inana. Mas mesmo realizando e

<sup>23</sup> Cf. ALSTER, Bendt. Inanna Repenting: The Conclusion of Inanna's Descent. In: *Acta Sumerologica*, 18. Tóquio: Middle Eastern Center in Japan, 1996, pp. 1-18.

<sup>24</sup> Cf. a tipologia das funções de mitos em KIRK, pp. 253-261, especialmente p. 256.

justificando esta destituição de poder, ele não consegue esconder do olho atento e treinado por análises feministas que esta deusa era originalmente a detentora de um poder muito mais amplo que pode ser caracterizado como “poder cósmico todo-abrangente”.

No entanto, embora esta interpretação certamente confira um bom sentido ao mito da Descida em geral, especialmente em sua estrutura e seu desenvolvimento histórico documentado nas versões da “Descida de Ištar”, ela sozinha não consegue elucidar os aspectos concretos que a figura de Dumuzi assume neste mito.

Os lamentos de Inana por Dumuzi e especialmente as versões posteriores dos lamentos de Ištar por Tamuz, com seus ritos de luto anualmente celebrados, juntamente com o fato de que o fim verdadeiro da Descida de Inana foi ignorado ao longo de 80 anos, levaram a pesquisa a supor que Inana teria descido ao inferno para buscar de volta seu amado. Esta suposição tomava por modelo, por exemplo, narrativas semelhantes sobre Vênus e Adonis, Ísis e Osíris, ou Deméter e Perséfone que, por sua vez, foram interpretadas no contexto da “vida e morte” da natureza vegetal que se manifesta no ciclo de estações de fertilidade e de seca.<sup>25</sup>

Além de esta interpretação estar impossibilitada desde o aparecimento das partes finais da Descida de Inana, a própria realidade climática e sócio-econômica da Mesopotâmia não a favorece: na Antiga Mesopotâmia, fertilidade e falta de fertilidade, vida e morte, dependeram não de estações anuais. Elas dependeram do bom funcionamento do sistema de irrigação que era a *conditio sine qua non* da agricultura e horticultura mesopotâmicas. O que ameaçava este sistema com seus canais, barragens e diques não era uma ciclicidade climática, era a conjuntura sócio-histórica de determinados períodos políticos que permitiam sua manutenção e outros que a atrapalhavam ou, na maioria dos casos, a prejudicavam deliberadamente. Estou me referindo a estratégias de guerra abundantemente atestadas que manipulavam ou destruíam sistemas de irrigação para vencer ou manter submetidas uma cidade ou região adversária.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Para um panorama desta questão, cf.: METTINGER, Tryggve N. The “dying and rising God”: a survey of research from Frazer to the present day. In: *Svensk exegetisk årsbok*, 63. Lund: Gleerup, 1998, pp. 111-123.

<sup>26</sup> Cf. para estes aspectos, por exemplo: NISSEN, Hans J. *The Early History of the Ancient Near East*. Chicago: University of Chicago Press, 1988, pp. 165-197; DALLEY, Stephanie. Ancient Mesopotamian military organization. In: SASSON, Jack M. (ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. Vol 1. New York: Scribner, 1995, pp. 413-441.

Este dado, juntamente com costumes de lamento pelos mortos, especialmente no culto de heróis, levou Helgard Balz-Cochois<sup>27</sup> a interpretar o lamento por Dumuzi não no âmbito da natureza que morre e ressuscita, mas no âmbito do lamento anual por combatentes mortos, especialmente no caso de governantes divinizados após sua morte. Neste sentido, a “ressurreição” temporária do herói consistiria em seu reavivamento na memória dos ritos de luto, tão fortemente realçados na Descida de Ištar.

Com este aspecto combina bem um outro que pergunta pelo possível pano de fundo histórico-político da insurreição e irreverência de Dumuzi. Ele, o protegido especial de Inana, o regente pela graça dela, seu “marido”, a trai. Ele se aproveita da ausência da deusa para subir ao trono que compete somente a ela e na volta dela, ele não cai aos seus pés. Este traço, reforçado ainda mais na Descida de Ištar, pode refletir a *hybris*, a arrogância de governantes que, divinizando-se a si mesmos, esqueceram a quem eles deviam seus sucessos e seu poder. Como mostra o lamento sobre a queda da dinastia sargônica, a “Maldição sobre Acad”,<sup>28</sup> um candidato que se encaixaria bem nesta constelação seria o último governante desta dinastia, Naramsin (2254-2218), um neto de Sargão I.<sup>29</sup>

Esta hipótese, que requer ainda maiores verificações, permitiria compreender morte e vida, tanto no fim da Descida de Inana quanto no fim da Descida de Ištar, como uma reflexão sobre eventos não da natureza, mas eventos da história: a ascensão e queda de governantes ou dinastias inteiras.

Assim, além de ser compreendido como um testemunho que mostra a perda de poder de Inana-Ištar no decurso da patriarcalização da religião, o mito poderia ser compreendido, em penúltima análise, como um texto sacerdotal-sapiencial que visaria a admoestação de governantes. Portanto, em última análise, ele poderia ser compreendido como um instrumento de promoção dos interesses do próprio sacerdócio, que procuraria admoestar o Estado e seus representantes mais poderosos à fiel promoção do culto da deusa Inana-Ištar, uma vez que esta foi cooptada pelos interesses sócio-econômicos e políticos de sacerdócios e dinastias imperiais.

---

<sup>27</sup> BALZ-COCHOIS, Helgard. *Inanna: Wesensbild und Kult einer unmütterlichen Göttin*. Gütersloh: Mohn, 1992, pp. 112-129.

<sup>28</sup> Cf. o texto em ETCSL 2.1.5: “The cursing of Agade”.

<sup>29</sup> Cf. FRANKE, Sabina. *Kings of Akkad: Sargon and Naram-Sin*. In: SASSON, Jack M. (ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. Vol. 2. New York: Scribner, 1995, pp. 831-84.